



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA

O SENHOR DE PARIS

peça teatral de autoria de Hersch W. Basbaum

vencedora, em 1º lugar, do

6º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2006

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital”* (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), *“sem ônus para o Município e para os encenadores”*, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.

O SENHOR DE PARIS

Hersch W. Basbaum

TRAGÉDIA EM 1 ATO

Texto inspirado no necrológio de um cidadão francês, carrasco de prisão em Paris e que possuía o título oficial de *Executeur de Hautes Oeuvres*, para disfarçar a função de carrasco. Era, de fato, conhecido como o *Senhor de Paris*. Informações sobre dinastia, uniformes ou roupa especial, privilégios e poderes são verdadeiras. Todo o resto é ficção, inclusive, ou principalmente, os nomes dos personagens. Em 1981, foi abolida a pena de morte na França. O Senhor de Paris, o último, morre, prosaicamente, em sua casa, em 1988.

A tragédia se desenrola no porão úmido de uma prisão, em Paris. Um espaço cercado de paredes de pedra com o solo também irregular, mostrando tratar-se de prédio bastante antigo. No centro do espaço vê-se, majestosa, a guilhotina. Alta, com o cutelo brilhando. Ao fundo, à direita do espectador, gradeada, haverá uma cela.

O acesso ao espaço faz-se por uma escada em cujo alto poderá ser vista uma pesada porta. Deverá haver uma passagem não visível por onde entrará e sairá a figura de Gaston Lafoucould.

Ao lado da escada, um enorme baú de onde Andrés tirará as suas vestimentas especiais e outros objetos. Sobre a cela uma janela, também gradeada, por onde entra escassa luz.

É madrugada, quase amanhecendo.

Personagens:

ANDRÉS GABINEAU, o carrasco, senhor de seus 60 anos, mas forte, com passos e gestos firmes. Entra de terno e gravata e posteriormente vestirá roupa colorida que lembrará um arlequim, com cores azul, vermelha e branca.

GASTON LAFOUCOULD, fantasma de antigo carrasco, já vestindo roupas coloridas, à maneira de um arlequim, similar à de Gabineau. Só é visto por GABINEAU.

JOVEM, com vinte poucos anos, trajando uniforme de prisioneiro, calça e colete de brim.

GUARDA, entre 30 e 40 anos. Fardado como guarda francês. Uniforme azul e chapéu.

Cenário:

As masmorras de um velho prédio onde está localizada a guilhotina. Uma escada liga o porão ao resto do prédio, por onde entram e saem, sobem e descem os personagens. Há uma cela ao fundo onde o prisioneiro é colocado à espera de sua execução. No alto da parede da cela, uma janela gradeada. Ao lado da escadaria, há um baú de onde Gabineau tirará as coisas de que necessita. À esquerda, algumas poucas cadeiras onde costumam se acomodar as autoridades e testemunhas das execuções.

Na parede oposta, uma pequena pia e um espelho. Ao lado, uma campainha.

Época:

A atual ou precisamente em 1981

Local:

Paris, França

Observação: as didascálias são limitadas, particularmente no que diz respeito à presença, nas cenas, de Gaston Lafoucould, deixando maior liberdade para o diretor na hipótese de uma montagem. Personagem de poucas falas.

ATO ÚNICO

Abre-se o pano, e o palco está escuro ou com pouca luz. Vê-se um vulto descendo as escadas, silenciosamente. É GABINEAU, que será iluminado apenas por um canhão-de-luz diretamente sobre ele. Não desce a escada toda, parando no meio e olhando o ambiente. LAFOUCOULD acha-se sentado, à maneira do pensador de Rodin, em silêncio.

GABINEAU

Já não sei quantas vezes descí estas escadas. E a cada descida, subia o meu valor, o reconhecimento, o respeito e o meu prestígio. Uma pena. Hoje já não se valoriza tanto, mas houve tempo em que tudo era diferente. Eu me lembro de acompanhar meu pai... eu gostava... eu não descia até aqui, é claro... ficava lá em cima... mas lembro de seu sorriso... ele entrava aqui sempre alegre. Realmente criava um clima de intenso otimismo. E olhe... ele não fazia a leitura que eu faço desses acontecimentos... apenas cumpria seu ofício. Meus filhos não se interessam pelo que eu faço e até acho que o mais velho sente um pouco de vergonha... Coisas do tempo. *(Pausa)* Mas um dia compreenderão e sentirão orgulho *(Parado, assiste a um estranho ballet de LAFOUCOULD, por todo o espaço da prisão, iluminado por um spot, ao som do concerto para violino de Beethoven. GABINEAU dançando)* Ao meu tempo tudo era mais fácil. A gente chegava, trazia o criminoso, colocava logo a cabeça dele ali e soltava-se o troço. Ponto. Sem frescuras, sem maiores solenidades. Cumpria-se a justiça e ninguém questionava. Agora sempre precisa de uma explicação complementar, fala-se em direitos do homem, fala-se em falha da justiça. Como é que pode? O homem cria leis e, em nome delas, estabelece formas de comportamento social e depois acha que as leis são severas. Não entendo isso. Mas não é mais problema meu. Estamos no reino da mentira. A polícia mente, os advogados mentem, a justiça mente. Você, Andrés, é mais mentiroso, ainda, até o criminoso mente. *(GABINEAU volta a subir as escadas e sai, trancando a porta. LAFOUCOULD desaparece)*

Segundos de silêncio.

Novamente ruído, barulho de chave na grande porta de madeira, que se abre, e entra o guarda, acendendo todas as luzes, quando então é visto o ambiente lúgubre, de causar arrepios. Alguns segundos de silêncio para que o olhar do espectador percorra todo o espaço e veja o cenário assustador, de onde sobressai a guilhotina. O GUARDA traz uma bandeja com café.

Desce o GUARDA. Deposita a bandeja sobre o baú e pega, em um canto, uma vassoura, começando a varrer o espaço.

GUARDA

(Varrendo, sem falar para ninguém) Nossa!... que sujeira, que abandono! Também faz tempo que não acontece nada por aqui! (Dirige-se ao público imaginário que deveria ocupar as cadeiras, enquanto prossegue sua limpeza) Senhores... esta é a famosa prisão de Carrènes, situada na região leste de Paris. A mais famosa prisão, desde a queda da Bastilha, em 1789. Andrés Gabeineau é o seu carrasco titular, desde 1931. Portanto, há 50 anos e durante todo esse período, ele guilhotinou 399 condenados. Ou seja, quase oito execuções por ano *(Pausa, ainda varrendo, e sempre falando para o público imaginário)*. Senhores, Gabeineau merece toda a nossa admiração. Abandonou o cargo uma vez, em 1943, para não ser forçado a executar militantes antinazistas durante a ocupação alemã. Retomou somente após a guerra para, logo em seguida, renunciar. Recusava-se a trabalhar com verdugos substitutos que exerceram a função sob as ordens de magistrados investidos pelas autoridades alemãs. Pois é *(Pausa; retoma a palavra apoiado na vassoura)*. Ele é chamado de Senhor de Paris, porque somente ele pode impedir, interromper ou realizar a execução. Pertence à família dos Executores de Grandes Obras, Ou seja, uma expressão usada para disfarçar a função de carrasco sempre exercida por algum membro da família *(aperta uma campainha situada ao lado do espelho, a qual faz o ruído característico. Em segundos, escutam-se batidas na porta)* Bem... tudo funcionando. Posso sair. *(Grita para alguém que tenha batido à porta)*. Estou só testando a campainha! *(Vai caminhando pelo palco e falando; segue em direção à escada; vai subindo, vagarosamente, ao mesmo tempo em que produz sua última fala)* Desde o século XVIII, a profissão está na mão de uma série de dinastias. Gabeineau é sobrinho do último Senhor de Paris, Jacques Deibler. Gabeineau

adquiriu sua fama por ter dedicado boa parte de seu tempo a melhorar a ferramenta de trabalho, a guilhotina, criando novas formas para deslize do cutelo e aumentou para 32 quilos o peso da lâmina triangular, fazendo crescer a sua velocidade, diminuindo, assim, o sofrimento dos condenados. Tinha, por isso, o respeito e a admiração das autoridades (*Quando está quase chegando ao final da escada, entra GABINEAU; fisionomia séria, jamais sorrindo, olhando para o chão, não encarando o guarda; este, sendo simpático, o cumprimenta. Parando à porta*) Bom dia, senhor Gabineau! (*O GUARDA parece fascinado diante da presença de ANDRÉS GABINEAU*)

GABINEAU

(*Sem encará-lo*) Bom-dia!

GUARDA

Chegou o grande dia, não é, senhor Gabineau!? (*Ele não responde*) Dia de mais uma execução! Talvez a última, não é, senhor Gabineau!?

GABINEAU

(*Um tanto irritado*) Não sei... não sei!

GUARDA

(*Alegre*) Dia da sua 400ª execução!

GABINEAU

Quanto você falou?

GUARDA

400! Quadricentésima! Um recorde!

GABINEAU

(*Respondendo, ainda sem encará-lo*) Pois é... (*Pausa*) Inda bem!

GUARDA

Mas será mesmo o fim, senhor Gabineau!?

GABINEAU

(*Pára e o encara*): Talvez... Há muita pressão sobre o Parlamento... e tem aqueles escritores chatos, psicólogos, cientistas sociais... enfim, grande parte

da sociedade querendo a abolição da pena de morte.

GUARDA

Pois é... pode acontecer a qualquer momento.

GABINEAU

Pois é!... não entendem a sociedade. Não enxergam a parte terrena, que é a menos importante. Não conseguem ver sob a perspectiva do Senhor.

GUARDA

Eu sei como é o seu pensamento, senhor Gabineau.

GABINEAU

(Descendo) Vamos ver. Acho que só haverá mais essa execução. Não faz mal... quero apenas mais uma. Com 400 execuções vou superar o até agora imbatível Gaston Lafoucould...

GUARDA

Quem!?

GABINEAU

Lafoucould... um primo distante, que alcançou a 399.

GUARDA

Puxa!

GABINEAU

É bem verdade que esse número é contestado até hoje, pois os registros são confusos e os dados imprecisos. Ele operou no primeiro quartel do século XIX.

Aparece, vestindo as roupas coloridas, a figura imaginária de LAFOUCOULD, correndo de um lado para outro e desaparece.

GUARDA

É compreensível.

GABINEAU

Pelo sim, pelo não, com 400 decapitações documentadas, serei o último e mais

produtivo Senhor de Paris. Ficarei assim para sempre, na história.

GUARDA

Sem dúvida, é importante. Um marco!

GABINEAU termina a descida enquanto o guarda entrega as chaves para ele e sai, fechando a porta; GABINEAU a tranca. Olha para a guilhotina e, em seguida, para as cadeiras vazias, à espera dos convidados.

GABINEAU

Incrível, como as coisas mudam! Lembro dos gloriosos dias em que isso aqui ficava cheio de gente, políticos, autoridades, jornalistas, testemunhas convidadas.... Cada dia era um acontecimento... Parecia um estádio! *(Abatido)* Tudo está se modificando e para pior! Era quase uma multidão alegre, barulhenta... *(Pausa)* É claro que as autoridades vinham ver se a lei estava sendo cumprida. Mas os demais vinham mesmo assistir e sentir o lado espiritual do processo *(Cala-se e permanece silencioso por alguns segundos, cabisbaixo, pensativo. Ergue a cabeça e exclama, cheio de confiança)* Um pouco mais e encherei de glória esta casa.

O fantasma de LAFOUCOULD reaparece e se senta em uma das cadeiras e fica observando toda a movimentação de GABINEAU. Ele vai ao baú, retira a bandeja de café, colocando-a no chão; tenta abrir a tampa do baú mas encontra alguma resistência; insiste e consegue abrir; retira uma pequena maleta; abre e pega um embrulho protegido por uma capa plástica onde se encontra o seu uniforme usado por ocasião das execuções; olha com alguma ternura, emoção; coloca de lado, veste um avental, retira do baú algumas ferramentas, lata de óleo e estopa, um cronômetro; coloca tudo de lado e fecha novamente o baú e a bandeja, de onde se serve de um café, o qual bebe enquanto fica olhando para a guilhotina. Fará tudo isso vagarosamente, gerando maior aflição.

GABINEAU

(Ao fantasma) Não pense que eu não te vi, Gaston. O que você quer? *(LAFOUCOULD permanece em silêncio, sorridente. GABINEAU caminha para a guilhotina, deposita os apetrechos e começa a se ocupar o com o aparelho. Trabalha em silêncio, colocando óleo, passando a estopa, etc.)*

LAFOUCOULD

Por que está triste o teu rosto, Andrés, se não está doente? Você não fica doente nunca! Isso é tristeza do coração.

GABINEAU

Não sei do que você está falando.

LAFOUCOULD

Eis-me aqui, Andrés. *(Pausa)* Não temas, caro primo. Eu sou teu escudo. Eu te compreendo.

GABINEAU

Você, o quê!?

LAFOUCOULD

Eu compreendo. Refazer a minha história. Sei que sou um problema pra você.

GABINEAU

Que sua história!? O que você está falando?

LAFOUCOULD

Ora... a minha performance, o meu recorde!

GABINEAU

As condições são outras, caro primo! No seu tempo era mais fácil!

LAFOUCOULD

Como... mais fácil!? Nunca foi fácil, em tempo algum, matar um homem.

GABINEAU

Criminosos.

LAFOUCOULD

Criminosos à luz de que critério?

GABINEAU

Sei que cada época tem seu próprio critério. Hoje é mais complicado definir. Há todo um corpo de direito, complexo, cheio de sutilezas, que torna difícil

provar, demonstrar as coisas... Antes, a verdade era aquilo imediatamente dado. Agora, não mais. Os fatos são mera teoria. Transcende-se aos fatos, coisa que ao seu tempo não se fazia.

LAFOUÇOULD

Sim, mas quando um cara chega até aqui, não há mais perdão.

GABINEAU

Não se cogita do perdão, eu mesmo desmistifiquei a idéia de perdão, pois não se trata de matar, mas sim de levar o acusado à presença de Deus, levo-o arrependido, já consciente de que quebrou algumas regras importantes.

LAFOUÇOULD

Reconheço que você inventou um discurso maroto para você mesmo não ter problemas de consciência.

GABINEAU

(Ofendido) Maroto!?

LAFOUÇOULD

É... maroto... fica com a consciência limpa...

GABINEAU

Não há por que ter problemas de consciência.

LAFOUÇOULD

Como não!? E no tempo da guerra... quando eras jovem e estavas assumindo o posto de forma definitiva.?

GABINEAU

Era diferente.

LAFOUÇOULD

Diferente em quê?

GABINEAU

Sou francês... os caras queriam que eu executasse franceses!

LAFOUCOULD

Por serem franceses? Você não continuou sua carreira executando franceses?

GABINEAU

Mas julgados e condenados por franceses, pelas leis francesas e não por alemães.

LAFOUCOULD

Você já teria alcançado o meu recorde se não viesse com patriotadas!

GABINEAU

Você sabe muito bem que eu não aspiro à glória e nem à fortuna, movem-me apenas o amor pelos homens e minha paixão por Cristo, de quem sou um servo humilde.

LAFOUCOULD

(Sorrindo, com cinismo) Pra cima de mim, Andrés!? Essa não!

GABINEAU

(Irritado, sem argumentos) O que você veio fazer aqui, Gaston? Confirmar e aumentar a minha aflição e a minha amargura? Penso nelas, e o meu espírito se abate...

LAFOUCOULD

Gerações vêm, gerações vão...

GABINEAU

Não estou legal... é um dia estranho... Pressentimentos me perseguem... estou achando esquisito não ter ninguém por aqui... como se nada fosse acontecer!

LAFOUCOULD

Confesse, Andrés! Tenha um pouco de humildade.

GABINEAU

Confessar, o quê?

LAFOUCOULD

Vaidade de vaidades. Vaidade de vaidades. Tudo é vaidade. Que proveito tira

a sociedade de todo o seu trabalho. Hein!?

GABINEAU

Você é que deve estar com medo. Hoje baterei o seu recorde. Sua figura histórica perderá todo o cartaz, toda a significação e não terá mais nenhuma expressão nos livros de história.

LAFOUCOULD

Então por que toda essa preocupação, essa aflição?

GABINEAU

Não confio nos homens. Agem sempre guiados por razões mesquinhas.

LAFOUCOULD

Isso é conversa fiada. Você sabe o final... viverás bem, mas não curtirás a glória e nem a fama. Morrerás no esquecimento.

Uma batida surda à porta parece despertar GABINEAU de seus pensamentos; limpa as mãos no próprio avental e sobe as escadas para abrir a porta; sabe quem é e não mostrará nenhuma surpresa, nenhuma reação diferente.

LAFOUCOULD desaparece.

Entra o GUARDA trazendo o JOVEM, algemado.

GUARDA

Olha aí, senhor Gabineau. Trouxe o seu presente.

GABINEAU

(Não consegue esconder sua alegria) Entre, por favor... acomode bem o rapaz.

GUARDA

Ele ficará bem... é do tipo quieto. Não reclama, não cria caso...

Descem todos as escadas e colocam o prisioneiro na cela, trancando-a. Tira-lhe as algemas.

GABINEAU

(Ao GUARDA) Obrigado.

GUARDA

É o meu trabalho. Posso ir?

GABINEAU

Claro. Mas, me diga uma coisa...

GUARDA

Pois não.

GABINEAU

Como é mesmo o nome dele? Estou sem os papéis aqui...

GUARDA

Não tenho certeza, mas parece que é Henri... Henri qualquer coisa.

GABINEAU

Ele já comeu? Isto é, está programada alguma refeição?

GUARDA

Não, ele dispensou.

GABINEAU

Virá algum religioso, algum padre... sabe!?... essa coisa de extrema unção... não... não é isso... mas... ele reza... Ele é católico, não!?

GUARDA

Não sei. Mas ele também recusou qualquer religioso.

Retorna o fantasma e faz mímicas diversas.

GABINEAU

Ótimo. Eles atrapalham o meu trabalho, querem dizer coisas que acreditam necessárias mas que são supérfluas, inúteis, enfocam de maneira errada.... Falam em piedade... não existe razão para piedade... eles não entendem o que fazemos aqui...

GUARDA

O rapaz é um tanto rebelde, ao que dizem.

GABINEAU

Afinal, de que ele foi acusado? Há algum papel, relatório ou coisa que o valha que traga essas informações?

O fantasma desaparece.

GUARDA

Não chegou nada, ainda. Mas ouvi dizer que ele teria matado a namorada, mas não sei direito o que aconteceu. Aliás, eu nunca sei, e nunca ninguém se interessou em me contar. E eu também não pergunto!

GABINEAU

Na verdade também não me é importante. Às vezes ajuda um pouco para a escolha das palavras que devo usar. Mas não faz mal. *(Pausa)* De qualquer forma, obrigado.

GUARDA

Está bem. Posso ir?

GABINEAU

É claro que sim. *(O GUARDA se despede, sem dizer nenhuma palavra, e volta a subir as escadas, retirando-se. Reaparece LAFOUCOULD. GABINEAU tranca a porta e retorna à cela, olhando para o prisioneiro, que se encontra sentado, com a cabeça mergulhada entre os braços. Sorridente)* Bom-dia, meu jovem! *(O rapaz se limita a levantar a cabeça, olhando-o silenciosamente)* Bom-dia, Henri! *(O JOVEM permanece em silêncio)* Você é um felizardo, meu jovem! Será cuidado e tratado por Andrés Gabeineau. Cuidarei de você com o máximo de atenção e carinho. É o meu trabalho. *(Pausa)* Você tem fé, meu jovem? Sem fé, a sua firmeza se esvai num abrir e fechar de olhos, e o sofrimento pode ser maior. *(O rapaz revela desinteresse na conversa; GABINEAU se afasta e volta a se ocupar com a engenhoca, mas continua falando).* Dê ouvido à minha voz... eu serei o seu Deus, e você será o meu filho... *(Olha para LAFOUCOULD e para o rapaz. LAFOUCOULD observa, em silêncio)* Sabe?... meu rapaz. Estou aqui para atendê-lo no que for necessário.

Quero que este seu último dia seja de tranqüilidade e reflexão. Tenho todos os poderes em relação a você. Por ter esses poderes, quase absolutos, sou chamado de Senhor de Paris. É só pedir que eu o atenderei. Só não posso adiar a execução. Mas somente eu posso fazê-la. *(Pausa)* Sabia disso? *(Pausa)* Se eu me recusar, ficar doente, enfim, se algo me acontecer que impeça a execução, ela será adiada. E olhe, meu rapaz, não sei por quanto tempo seria, pois não há um substituto mobilizável por ora. Não, não se espante.... tenho uma saúde de ferro. Desde 1942, ninguém fica doente na minha família. *(Pausa)* E as leis, mais do que as leis, os costumes e a tradição, não permitem outra pessoa no serviço. Tem que ser o Senhor de Paris... *(Pausa)* Ah!...sim... e não há substituto, pois que meu filho ainda não está preparado... sabe como é, essa nova geração é diferente, é estranha, já não entende o que há de sublime e grandioso nesta função... e não tenho mais nenhum parente varão. Exige-se um homem. *(Pausa; continua falando, revelando alguma soberba, fortalecendo o tom de voz)* Bem, para nós isso nunca foi problema. Somente Julien Duclois se viu, momentaneamente, em dificuldades. Teve que gerar onze filhos... até nascer um homem. E o seu caçula foi temporão, pois Julien já tinha mais de 60 anos quando o menino nasceu. *(GABINEAU termina a limpeza da estrutura e principia a cuidar do cutelo e o faz descer acionando uma das cordas. O fantasma faz mímicas dando a entender que são mais de 60 anos)* Quer um café, meu jovem? Café é bom, mantém o cérebro funcionando ativamente. É bom estar consciente nessas horas. *(Pausa)* Gosto de gente que sofre em silêncio, que se mantém humilde, que revela destemor e se conserva firme em seu posicionamento...*(O rapaz continua em silêncio; GABINEAU vai tomar mais um café e retorna, dando uma parada em frente à cela, voltando a oferecer; o rapaz nem se mexe. GABINEAU retoma seu trabalho. LAFOUCOULD o segue o tempo todo)* Isso aqui *(Aponta para o cutelo)*... trabalho meu! *(Desliza a mão suavemente sobre a lâmina)* Eu que aperfeiçoei. Aumentei o diâmetro e distribuí melhor o peso do metal. *(Pausa)* E sabe por quê? Para que os meus hóspedes não sofressem! Lembra do caso do estuprador de Nantèrre? Um camponês forte, atarracado, pescoço curto, duro, parecia um rinoceronte! Foi meu primo, Torrimaux, quem cuidou dele. Você acredita que foram necessárias três quedas... incrível!... três lançamentos para consumir a execução!?

JOVEM

(Nervoso) Quer calar essa boca!

GABINEAU

(Sorrindo) Então resolveu conversar comigo! Ótimo!

JOVEM

Essa sua fala me aborrece!

GABINEAU

(Mostrando calma) Desculpe... você deve ser uma pessoa sensível. *(Pausa)* Meu filho... eu compreendo. Entendo a sua reação. Está no seu direito reagir dessa forma. Isso é normal. Mas veja... tenho uma missão a cumprir. E essa função é, também, o meu ofício. Você deve saber... como já tinha sido do meu pai, do meu avô...

JOVEM

Mas pare de falar! Por favor! Deixe-me em silêncio, quieto, aqui no meu canto!

GABINEAU

Mas é para o seu bem, meu rapaz! Eu estou aqui para ajudá-lo, para facilitar a sua passagem.

JOVEM

Não sei por que o senhor chama isso de ajuda. Só consegue me deixar nervoso. Eu já estava resignado da minha sorte. O senhor acaba por me trazer novamente sentimentos, emoções... no caso, raiva, ódio, enfim... Para quê!?

GABINEAU

Uma espécie de purgação, meu amigo! Limpar a sua alma, é a minha intenção. Assim você subirá, expungido...

JOVEM

(Com ironia) Subirei! É... e a minha cabeça descerá!

GABINEAU

Estou falando da sua alma. É disso que Deus cuida, não do seu corpo terreno que, aliás, não tem a menor importância. A alma humana é indestrutível, meu rapaz. Existia antes do seu nascimento e existirá eternamente depois...

JOVEM

Para o senhor é fácil falar. Não é a sua cabeça que vai rolar ali... não é o seu sangue que vai colorir essa maldita lâmina... Eu vou morrer, entende!? Entende mesmo!? Morrer!

GABINEAU

Mas vai chegar a minha vez. Mais cedo ou mais tarde será a minha vez. É assim mesmo... É o nosso destino. De todos nós. Sem exceção. Para isso a gente nasce, pois assim nos fez Deus. Ele nos criou. Cada qual tem seu dia marcado. *(Pausa)* Então é a Sua vontade que define o que temos de ser e devemos ir ao Seu encontro. Entenda, filho, fui escolhido pelo Criador para ser o seu servo. Conduzo as pessoas ao Seu reino infinito.

JOVEM

O senhor parece que fica feliz com isso! *(Sorri com escárnio)*

GABINEAU

Num certo sentido, não! Acredite!

JOVEM

Ora... ora... Em que sentido!?

GABINEAU

Porque vocês nunca me compreendem. Raros são aqueles que percebem a grandeza do meu gesto e a nobreza da minha ação. Movem-me a mão os anjos... do bem supremo, da felicidade absoluta. *(Pausa)* Nós temos todos um mesmo pai, não!? Não nos criou um mesmo Deus, por que seremos estranhos uns com os outros? *(Calam-se, ambos; GABINEAU volta a entreter-se com a engenhoca enquanto o jovem anda, de um lado a outro, em sua minúscula cela. LAFOUCOULD permanece em observação)* Seu nome é Henri, não!?

JOVEM

Não tenho mais nome.

GABINEAU

Entendo... mas como devo chamá-lo?

JOVEM

Não chame, oras!

GABINEAU

Tá bem, tá certo... mas estou apenas conversando, como posso chamar você?

JOVEM

Chame de O Próximo. Ou de Mais um... ou de qualquer porra que seja!

Novamente o silêncio, por algum tempo; calam-se.

GABINEAU

O que foi que você fez, meu bom rapaz? *(Pausa)* De que a justiça dos homens o condena?

JOVEM

Não interessa.

GABINEAU

Bem... quanto a isso você tem razão. Não interessa, mesmo. Não mudará o fato. Mas... você acha que foi justo, isto é, que a sua condenação está certa?

JOVEM

Que diferença isso faz?

GABINEAU

De fato... não faria muita diferença a sua opinião. É que meu trabalho ficaria facilitado se eu soubesse de que estão te acusando.

JOVEM

Não sei como.

GABINEAU

Minhas conversas secretas com O Criador às vezes necessitam desse tipo de informação.

JOVEM

Então diga pro seu Criador...

GABINEAU

Meu, não... Nosso.

JOVEM

Não creio que ele e nem ninguém esteja interessado em mim.

GABINEAU

Não diga isso, Henri! (*Pausa*)... Posso falar Henri, não!?

JOVEM

Chame do jeito que quiser.

GABINEAU

Então, Henri, o que é que dizem que você fez?

JOVEM

Diga pra ele... e para quem mais você quiser... que sou vítima de interesses escusos de burgueses ricos, gente poderosa...

GABINEAU

Como assim?

JOVEM

Me ofereceram dinheiro para que eu assumisse a autoria de um crime...

GABINEAU

E daí?

JOVEM

(*Aborrecido*) Ora... não sei por que estou falando!...

GABINEAU

Fale!... continue!... é bom por tudo pra fora!...

JOVEM

(*Irritado*) Já disse tudo no tribunal!

GABINEAU

Mas aqui é mais importante! Uma instância superior! (*Pausa*) Vamos!...

ofereceram dinheiro, é isso!?

Silêncio. O rapaz, inquieto.

JOVEM

Se eu topasse, minha família estaria amparada pro resto da vida... Era muito dinheiro!

GABINEAU

Então você aceitou?

JOVEM

Não! Eu recusei!

GABINEAU

Então, como é que...

JOVEM

Falaram com meus familiares, e eles entraram no jogo. Armaram uma cilada pra mim!

GABINEAU

Uma cilada!?

JOVEM

Eu conhecia a moça que mataram.

GABINEAU

Sim... mas como?...

JOVEM

É! O meu álibi, verdadeiro, é que eu estava com eles! Cobiçaram o ouro oferecido pelos caras e inventaram uma história. Os advogados deles juraram que nada aconteceria comigo... réu primário, sem antecedentes, bom comportamento social... Mas o juiz não quis saber. Acho que os jurados foram comprados também.

GABINEAU

E seus familiares?

JOVEM

Sei lá, sumiram! Embolsaram a grana! Me venderam!

GABINEAU

(Incrédulo) É mesmo!?

JOVEM

François queria trocar de carro... Céline... vai casar e precisaria de um apartamento... Pierre... sei lá... deixa pra lá... Um bando de filhos da puta!

GABINEAU

Não é possível! Tudo tão fácil assim!?

JOVEM

O Estado precisava e tinha uma vítima, que era real. O assassino... qualquer um serve... não é problema do Governo, mas trabalho de advogados. A polícia queria um culpado e mostrar serviço. A família precisava de dinheiro... Eu conhecia a Simone... tudo combinava. Num julgamento rápido, eu fui condenado. Todos ficaram felizes... e o assunto se encerra. Que diferença faz morrer mais um sujeito? Quem reclamaria? A família? No meu caso, era a maior interessada na minha culpa...

GABINEAU

Mas... *(Reluta um pouco)*... mas... você pediu clemência... perdão?

JOVEM

(Surpreso) Por que o senhor quer saber, oras!?

GABINEAU

Bem... é importante para mim.

JOVEM

Não. Não pedi. Se pedisse, estaria afirmando que reconheço o erro e me arrependo. Não, esse gostinho não vou dar!

GABINEAU

(Aliviado) Alegre-me muito. Fico contente em saber.

JOVEM

Então... por favor... cumpra o seu dever... faça o seu trabalho em silêncio e me deixe em paz, a sós. Aqui no meu canto. Quero me despedir do mundo voluntariamente, conscientemente, tamanha é a minha decepção, grande é meu desgosto.

GABINEAU

Eu compreendo!

JOVEM

Compreende, mesmo!? Imagine que aqueles que eram o seu esteio acabam por lhe faltar na hora que você mais precisa! Já houve quem dissesse que a família é um grupo de indivíduos ligados pelo sangue mas separados pelo dinheiro.

GABINEAU

Perdendo o apoio da família, é a sociedade quem perde. Todas as famílias felizes se assemelham, mas cada família infeliz o é a sua maneira. *(Pausa)* Por isso, eu rogo a você, meu jovem. Entregue-se a mim, eu o levarei ao encontro com Cristo. Acredite-me, Deus é fiel.

JOVEM

Eu me despeço. A partir de agora. *(Pausa)* Agora! Daqui em diante nada mais me interessa. Já me fui. Não vejo ninguém, não ouço nada. *(Pausa)* Não há ninguém para chorar por mim. Fica tudo facilitado.

GABINEAU

Sem dúvida, uma sábia decisão. No que me diz respeito está tudo bem. Embora eu ache que iria lhe fazer bem algumas palavras de conforto, de explicação... Uma descrição do encantamento do encontro com Cristo.

JOVEM

(Irritado) Ora... não me aborreça! Cansei! *(Vai para um canto, senta-se e coloca a cabeça entre os braços)*

GABINEAU

Parece um corvo assustado. Pobrezinho. Teria que perceber que tenho um interesse apaixonado pelas pessoas e pelas coisas que faço. *(Ante a falta de reação do JOVEM, GABINEAU volta a se ocupar com a guilhotina; faz subir o cutelo algumas vezes, e o solta, fazendo aterrorizante ruído; examina o alçapão; tudo funcionando bem; considera o trabalho terminado; lava as mãos e olha para a cela. LAFOUCOULD sai)* Olha só... parece um corvo assustado! Se ele soubesse que essa máquina aqui carrega séculos de história! Isso deveria significar muito! *(Pausa; olha o relógio)* Pôxa!... fiquei nesse papo aqui e não me dei conta do tempo! Quase em cima da hora! Daqui a pouco estarão chegando os convidados, as autoridades, as testemunhas... tenho que me apressar! A execução deverá ser às 6 e 10 da manhã. *(Corre para onde estava maleta e abre o embrulho, retirando a roupa colorida e a veste; são as cores francesas, azul, vermelho e branco. Caminha ao espelho e tenta ver como está a roupa; o espelho é pequeno. Aperta a campainha; batidas à porta, voz do guarda: "Senhor Gabineau!?". Ele grita)* Já chegaram as pessoas? *(O GUARDA, de fora, "Não! Não chegou ninguém ainda!")* Bem... menos mal. *(Frente ao espelho)* Aquele sonho ainda me perturba. Lafoucould me aparece, rindo, zombando de mim, dizendo com escárnio: "Viverás bem, mas não curtirás a glória e nem a fama. Morrerás desconhecido." *(Pausa)* Esse é o problema. Não consigo conviver com a minha desimportância. Tinha razão aquele padre... não há nada que o homem aspire mais do que uma vida heróica *(Batidas à porta interrompem o solilóquio de GABINEAU; mas ele reluta em ir abrir; as batidas recomeçam e com mais força; GABINEAU não se mexe, como se tivesse receio de alguma coisa ruim. Ele se ajoelha)* Oh, senhor! Como estou angustiado! Tenho medo de más notícias, sofre o meu espírito quando está sem alento o meu coração. *(Batidas mais fortes e ininterruptas; escuta-se, ainda, um grito abafado; "Senhor Gabineau! Senhor Gabineau!". Reaparece o fantasma de LAFOUCOULD).*

LAFOUCOULD

(Saltitando) Está com medo! Medo de quê? *(Ri)*

GABINEAU

(Ainda ajoelhado) Senhor... eu lhe tenho sido fiel. O Senhor sabe que todo o meu trabalho só encontra justificativa na minha condição de ser Seu servo. Devolver-Lhe a alma de Suas criaturas. Mas sinto que algo ameaça o meu trabalho. Tenho medo, muito medo, que as minhas funções sejam abruptamente interrompidas, em nome de uma humanidade que não merece

ter os bons em seu convívio, em seu seio.

Pancadas quase ensurdecedoras; ele decide-se por ir abrir. Passa ao lado de LAFOUÇOULD.

LAFOUÇOULD

Medo de quê!? (*Ri, saltitando*)

GABINEAU

(*A LAFOUÇOULD*) Devem ser os convidados e as testemunhas. Pôxa!...em cima da hora! (*Subindo as escadas, acompanhado pelo fantasma, ainda escuta: "Senhor Gabineau, abra! Por favor!... abra a porta! É urgente!"*); *interrompe a subida; parece preocupado, relutando em abrir, mas acaba por fazê-lo. Entra o GUARDA*) Você!? Não estou entendendo! Cadê as autoridades? As testemunhas? Os jornalistas?

GUARDA

Não há ninguém. Perdão, senhor Gabineau! Trago uma mensagem do Ministro.

GABINEAU

(*Preocupado, quase sobressaltado*) Que mensagem?

GUARDA

Não vai haver mais execução. O Presidente assinou o pedido de indulto!

O fantasma parece alegre, fica saltitando.

GABINEAU

Mas o prisioneiro não pediu!

GUARDA

Foram os seus advogados...

GABINEAU

Mas por quê? Há muito que isso não acontece!

GUARDA

Pelo que entendi, pressões do Parlamento, senhor Gabineau. O senhor sabe... está para ser abolida a pena de morte... o Presidente entendeu que prosseguir com essa execução, às vésperas da votação... poderia parecer uma provocação... o senhor sabe como é! Política é política.

GABINEAU

Ah!... sim! Claro! *(Se desequilibra e quase cai, amparado pelo GUARDA)*

GUARDA

Epa! Cuidado! *(Descem, os dois, com alguma dificuldade, acompanhados pelo fantasma; já embaixo, recompondo-se, o GUARDA cerimoniosamente entrega um papel a GABINEAU)* Eis aqui... o documento do indulto. Pela lei... cabe ao senhor fazer a leitura do mesmo para o prisioneiro.

GABINEAU

Só isso!? Não vem ninguém do Governo!? Do Ministério!?

GUARDA

O Governo está dividido. Ninguém foi indicado e ninguém se ofereceu. Deixaram a tarefa com o senhor. Aliás... cabe ao senhor fazer a leitura... depois eu...

GABINEAU

(Interrompendo-o irritado) Eu sei... eu sei... não precisa me dizer... nem me venha ensinar o meu ofício! Quem você pensa que eu sou? Algum novato, inexperiente, que não conhece os seus deveres?

O fantasma aplaude.

GUARDA

(Como que se desculpando) Perdão... eu queria apenas...

GABINEAU

Sou o Senhor de Paris! Por favor... você já cumpriu sua missão, agora se vá. Vou acabar de me arrumar e fazer o que tem de ser feito. Deixe-me a sós, por favor! Bom dia para o senhor! *(Agarra o GUARDA pelo braço e tenta conduzi-lo de volta à escada; o GUARDA resiste)*

GUARDA

(Tentando desvencilhar-se, grita para o rapaz) Meu jovem!... nem tudo está perdido! Surgiu uma esperança!

O rapaz escuta e, como que despertando de um sono, levanta-se e vai até às grades da cela, querendo escutar mais ou entender o que estava acontecendo.

GABINEAU

Não lhe faça ouvidos, meu jovem! Esse suplício é mais cruel, é mais odioso que todos os outros; chama-se tortura pela esperança. Mas esperança é uma palavra obsoleta.

Os dois lutam um pouco, GABINEAU tentando arrastar o GUARDA, que resiste; GABINEAU acaba por desistir. Vai em direção à cela e fala para o rapaz.

GABINEAU

Meu rapaz... acredite-me. Hoje é um dia triste. Até o sol está se recusando a aparecer. Pela hora, ele já deveria ter dado o ar de sua graça. Ouça: os pássaros estão trinando uma triste melodia. Ao contrário das outras vezes, em que gorjeavam alegremente, anunciando a conquista de mais uma alma pelo Senhor do Universo. Sim, um dia triste para todos, para a França, para Deus e para mim. Confesso, humildemente... principalmente para mim. Pois hoje não será o dia mais importante da minha vida.

JOVEM

O que está acontecendo? Não estou entendendo!

GUARDA

Eu te digo: o Presidente comutou a sua pena!

JOVEM

Como!?

GABINEAU

(Irritado, quase esbofeteando o GUARDA) Cale-se! Não infrinja a lei! Essa é uma tarefa minha! Ou mandarei prendê-lo imediatamente! (Ao JOVEM) Não

acredite em palavras falsas!

JOVEM

(Angustiado) Mas que diabos! O que está havendo!?

GUARDA

Vamos, senhor Gabineau! Fale pro rapaz!

GABINEAU

Olha... eu encerraria minha atividade de verdugo, vestiria esse meu uniforme tricolor, lindo, pela última vez, no acme da glória e não no limbo da humilhação.

GUARDA

Não sei porquê!

O fantasma parece divertir-se.

GABINEAU

Não estou falando com você! Você não existe! Saia daqui!

JOVEM

Então diga pra mim!

GABINEAU

Não vou conseguir conviver com a minha desimportância.

GUARDA

Eu sei do que ele está falando!

GABINEAU

Cala essa boca, idiota! *(Pausa)* Ele me apareceu em sonho, dizendo: “Viverás bem, mas não curtirás nem a glória e nem a fama. Morrerás desconhecido!”

JOVEM

Ele quem?

GABINEAU

Lafoucould.

GUARDA

Eu sabia que era isso! *(Pausa)* Cuidado, rapaz! Fique alerta!

JOVEM

Quem é esse Lafoucould, porra!?

GABINEAU

Eu superaria Lafoucould e seria o mais ativo, constante e eficiente Senhor de Paris. De toda a história, para todo o sempre. Mas não me deixaram. *(Pausa)* De fato, não é feliz aquele a quem a vida nada mais precisa dar, mas sim aquele de quem a vida nada pode tirar. Me tiraram... tudo!

GUARDA

Preste atenção, meu jovem: a sua pena de morte foi comutada, o Presidente cancelou. Preste atenção e cuidado! O homem aí está agindo de forma estranha!

GABINEAU

Mas não me deixaram! Não vou conseguir conviver com a minha desimportância. *(Pausa)* Não me deixaram! *(Pausa)* Questiuículas menos nobres, jogo de poder entre os homens, política pobre, menor, alteraram o destino de nosso país. Não mais darão aos condenados...

GUARDA

(Preocupado) Senhor Gabineau, por favor... me ouça. Ali, junto ao café, tem uma jarra com água. Tome um gole... vai fazer bem...

GABINEAU

Não mais darão aos condenados a chance de se arrepender em vida, de purgar os seus pecados e ir, expungidos, ao encontro de Deus. Querem, daqui para a frente, que eles permaneçam sofrendo, pelos remorsos, uma eternidade. Estranha justiça essa. Um absurdo. E você será o primeiro, meu rapaz. O primeiro a ser sacrificado. O primeiro a ser libertado... para a prisão eterna. Meus sinceros sentimentos.

JOVEM

(Aflito) Mas, seu guarda, quer dizer que comutaram a pena, é!?

GUARDA

É! É isso mesmo!

JOVEM

Quer dizer... não vou pra guilhotina.

GUARDA

(Sorrindo) Não!

GABINEAU

É o que estou dizendo. Você está condenado a sofrer remorsos pro resto de sua vida... e pela sua idade, vai ser muito tempo, vai longe.

JOVEM

(Ao GUARDA) Mas quanto à condenação, não falaram nada!? Quer dizer... não fui absolvido? Não aboliram a minha pena...

GUARDA

Isso eu não sei, acho que não. Creio que só a pena capital é que foi eliminada.

JOVEM

Mas isso eu não aceito!

GABINEAU

Isso mesmo, meu rapaz!

JOVEM

Não quero esmola! Não pedi esmola! Quero que seja reparada uma injustiça.

GUARDA

Já não é comigo. Nem sei responder.

JOVEM

Senhor... Senhor de Paris... eu me recuso a aceitar... complete o seu serviço. Por favor! Coloco-me ao seu dispor...

GABINEAU

(Perplexo) Eu entendo... quer se encontrar com O Criador!

JOVEM

Não quero encontrar com porra nenhuma! Quero é foder com o Governo, com os advogados e com a justiça.

GABINEAU perplexo, paralisado. GUARDA sem saber o que fazer, encosta-se à grade da cela e é agarrado pelo rapaz que ameaça enforcá-lo. Lutam algum tempo sob o olhar espantado de GABINEAU.

GUARDA

(Nervoso, tentando livrar-se) Solte-me rapaz! É para o seu bem!

JOVEM

(Apertando mais) Para o meu bem ou para o bem da Justiça!?

GABINEAU paralisado, não sabe se deve ou não intervir.

GABINEAU

Meu filho... vamos resolver isso sem emoção.

JOVEM

Vamos, senhor! Complete o seu serviço. Estou disposto, pois será a minha melhor vingança. Quero que o arrependimento mate, aos poucos, esses magistrados de fancaria, que decidem por interesse, circunstancial e momentâneo, nunca indo além dos fatos supostamente verdadeiros. Pode ter certeza que comutaram a pena sem sequer olhar o meu caso. Não liberaram a mim, libertaram a guilhotina. Nem viram o meu caso. Nem se importaram comigo. Razões políticas, apenas. Eu sou inocente, pôxa!. *(Pausa. A GABINEAU)* Vamos... termine a sua tarefa. Estou disposto ao sacrifício. Alguém tem que desmascarar os caras, e eu farei isso! *(Pausa)* Vamos! Ajude-me a imobilizar este cara! Se não, ele não vai deixar!

GABINEAU assiste parado à luta dos dois, tendo a seu lado LAFOUCOULD, que não sabe o que fazer; o GUARDA acaba por se libertar.

GUARDA

(Libertando-se do JOVEM) Senhor... senhor Gabineau! Não se mexa... respeite

a lei, por favor!

GABINEAU

Meu jovem... você está condenado a ser um livre sofredor! Culpado ou não!
(*Amassa o comunicado e joga em cima do rapaz*)

O rapaz pega o papel e tenta ler o seu conteúdo.

GUARDA

Vamos com calma, gente. (*Em tom de ameaça*) Nada vai acontecer aqui.

GABINEAU

O que se passa aqui é assunto meu.

GUARDA

Não, não é não! Não é mais!

GABINEAU

Ora, saia da minha frente! Vá se embora, você já fez o que tinha de fazer.

GUARDA

Daqui eu não saio! (Corre em direção a uma campainha, ao lado do espelho, tentando buscar auxílio, mas é impedido. GABINEAU se adianta e agarra o GUARDA, procurando derrubá-lo; brigam por um tempo e o GUARDA, mais jovem, consegue empurrar GABINEAU para longe, para perto da guilhotina. Enquanto GABINEAU tenta arrancar a campainha da parede o GUARDA corre para a porta da cela, cobrindo-a com corpo e braços, pensando em impedir qualquer coisa) Aqui ninguém entra e ninguém sai.

GABINEAU

Você não entende que preciso chegar aos 400!? Lafoucould me receberá reconhecendo-se derrotado. Finalmente eu venci!

GABINEAU se aproxima do GUARDA que parece assustado.

GUARDA

Não se aproxime! (*O fantasma parece espantado; tenta segurar GABINEAU, mas mal o toca. Preocupado*) Senhor!... por favor, não se aproxime. Respeite a

lei! Não me provoque! Não me obrigue a ser violento!

Atracam-se, novamente, e GABINEAU consegue arrastar o GUARDA para longe das grades, aproximando-se da guilhotina; lutam bastante; GABINEAU, num esforço surpreendente, reunindo forças que não se sabe de onde vieram, consegue subjugar o GUARDA, acertando um soco que o deixa desacordado; GABINEAU esforça-se em tentar colocar o corpo inerte na máquina. LAFOUCOULD assustado, fica saltitando. O JOVEM, nervoso e pasmo, agarra-se às grades.

JOVEM

(Gritando) Solte o guarda, Senhor Gabineau!

GABINEAU

Não posso conviver com a minha desimportância.

JOVEM

Não faça isso, senhor! Não é por aí!

GABINEAU

(Ajoelhando-se) Iludiste-me, ó Senhor! E iludido fiquei. O Senhor é mais forte e nada posso contra Seus desígnios. Se é esse o Seu desejo, se é essa a Sua vontade, cumpra-se. Servirei de escárnio todo o tempo. Todos zombarão de mim. Mas o fogo com que acendeste a minha ira arderá para sempre. Estou cansado de sofrer.

JOVEM

Senhor Gabineau!

GABINEAU

(Como que despertando, pára de arrastar o GUARDA, ainda desacordado) Mais fácil é a tentativa do que a ação. *(Pausa)* Não! Não sou assassino! Nunca infringi a lei e nem será agora, no fim de minha carreira, que irei virar criminoso!

JOVEM

Então traga o guarda para cá.

GABINEAU obedece, mas resolve revistar o GUARDA e encontra as

chaves da cela; abre a porta e manda o rapaz sair. O rapaz não sabe o que fazer. Sem desgrudar o olho de GABINEAU, abaixa-se para atender ao guarda. Ficam os três, o JOVEM, o GUARDA e LAFOUCOULD olhando para GABINEAU.

GABINEAU

Meu castigo é maior do que posso suportar. Eis que, hoje, me lançaste desta terra e de Tua face me esconderei, mas não serei fugitivo errante pela terra e nem quem me achar rirá de mim. *(Encara-os algum tempo. LAFOUCOULD desaparece.)*

GABINEAU rapidamente corre para a guilhotina, enfia o próprio pescoço e diz: “Finalmente, 400 execuções!” Puxa a corda, e o cutelo cai com violência e barulho. Ele de costas para o público, de tal sorte que só se escutará o barulho da lâmina caindo e da cabeça tombando. A lâmina ao cair derrubará algum líquido vermelho ao chão que escorrerá sob o olhar patético dos demais, ao lado de uma cabeça.

LUZES APAGAM

INFORMAÇÕES DO NECROLÓGIO (JB/agosto/1988)

O falecido foi verdugo, em França, por 50 anos, pertencia à família dos *executeurs de hautes oeuvres*. Desde o século XVII, a profissão estava sob a responsabilidade de uma série de dinastias.

Abandonou o cargo uma vez para não ser forçado a executar militantes antinazistas durante a ocupação alemã. Retomou somente após a Guerra, mas renunciou, logo em seguida, em 1946, para não trabalhar com verdugos substitutos que exerceram a função sob as ordens de magistrados investidos pelas autoridades alemãs. Voltou às atividades no final da década de 40 e, em 1951, foi nomeado verdugo-chefe. E, ao longo do exercício de suas funções, o Senhor de Paris, conforme eram chamados os verdugos, dedicou boa parte de seu tempo a melhorar a ferramenta de trabalho, a guilhotina, criando novas formas para o deslize do cutelo e aumentou para 32 quilos a sua velocidade. Durante vários séculos, o Senhor de Paris foi obrigado a viver numa casa isolada, onde apenas a mulher e o filho tinham direito de morar. Além disso, tinha a obrigação de usar o tempo todo uma casaca com as cores da cidade. Somente após 1789, os verdugos se converteram em cidadãos como os demais.